

FERNANDO VENÂNCIO

Assim
nasceu
uma
língua

assi naceu ãa lingua



Sobre as origens
do português

2.^a EDIÇÃO

NÃO-FICÇÃO • LÍNGUA PORTUGUESA

ÍNDICE

ABREVIATURAS E SINAIS	11
INTRODUÇÃO – Uma fábrica de palavras	13

PARTE I – ANTES DO PORTUGUÊS

CAPÍTULO 1 – A família do senhor Caeiro	47
CAPÍTULO 2 – A língua disponível	60
CAPÍTULO 3 – Um idioma por herança	76
CAPÍTULO 4 – A invenção do galego-português	91

PARTE II – PORTUGAL CONSTRÓI UMA LÍNGUA

CAPÍTULO 5 – Em ruptura com o Norte	105
CAPÍTULO 6 – <i>Ão</i> , uma espécie invasiva	121
CAPÍTULO 7 – Português, língua promíscua	137

PARTE III – O GALEGO E O PORTUGUÊS

CAPÍTULO 8 – O léxico exclusivo de galego e português	153
CAPÍTULO 9 – Galego e português: línguas diferentes?	171
CAPÍTULO 10 – O efeito Nogueira	188
CAPÍTULO 11 – Aproveitando o português	207
CAPÍTULO 12 – O desfiguramento pelo espanhol	220

PARTE IV – SÓS E ACOMPANHADOS

CAPÍTULO 13 – A originalidade do português	247
CAPÍTULO 14 – Higienismo e aldrabices	258
CAPÍTULO 15 – Um idioma em circuito aberto	278

BIBLIOGRAFIA	295
AGRADECIMENTOS	313

INTRODUÇÃO

UMA FÁBRICA DE PALAVRAS

Não é uma invenção nem uma descoberta, é um estudo, um raciocínio, algo que me vai levar anos e anos, talvez a vida toda, talvez mesmo a vida inteira não baste e alguém terá de continuar os meus cálculos, no ponto exacto onde eu os deixar.

Gonçalo M. Tavares, *Jerusalém*, 2004

A tua história em línguas

No curso que durante vinte anos – de 1990 a 2010 – dei, na Universidade de Amesterdão, sobre Problemática e Legislação das Línguas Minoritárias na Europa, havia sempre uma aula em que os alunos eram convidados a expor aos colegas a sua história linguística pessoal. Era uma oportunidade de cada um reflectir sobre um domínio vivido com maior ou menor inconsciência e, ao mesmo tempo, de tomar conhecimento de histórias alheias, não raro surpreendentes. Num país com fáceis contactos com o exterior, como a Holanda, onde também se mantêm em uso diário várias línguas minoritárias – o frisio, o baixo-saxão, o limburguês –, assim como uma mancha de dialectos, essas narrações de vida linguística traziam habitualmente um notável colorido.

Os alunos contavam a sua, eu contava a minha. E falava-lhes na minha infância alentejana, nos vários embates, primeiro com o falar de Lisboa, depois com o do Minho, tudo isso ainda dentro do mesmo idioma. Referia depois a minha aprendizagem de línguas estrangeiras, o francês aos 10 anos, o inglês aos 12, os longos estudos de latim e grego, os primeiros

contactos com o espanhol pela televisão, a aprendizagem passiva do italiano, os rudimentos de alemão, a habituação ao português brasileiro (o brasileiro Celso Figueiredo, padre carmelita, foi o meu melhor professor de português) e, por fim, a grande passagem, aos 25 anos, para o neerlandês (ou holandês, ou flamengo), em que acabaria por tornar-me bilingue.

Falei em «embates», e é um termo adequado para a experiência de um *outro* português, o da escola primária em Lisboa e o dum seminário em Braga, cada um com o seu vocabulário, a sua fonética, a sua fraseologia. Tudo me atemorizava, tudo me fascinava também. Acomodei-me ao lisboeta, e tanto bastou para sofrer depois a adorável arrogância dos minhotos, convencidos da sua histórica genuinidade, pois não nascera Portugal ali? E não era tudo. Sem eu o saber, encontrava-me, nesses anos nortenhos de 1950, em vivo contacto com um *estado de língua* que guardava elementos únicos que, décadas depois, pude identificar como galegos. Devo isso ao ensino que, nos inícios de 70, António José Saraiva ministrava na Universidade de Amesterdão. Aí me licenciiei em Linguística Geral em 1976 e, vinte anos mais tarde, me doutorei, estudando as ideias sobre língua literária em Portugal no século XIX. Ao longo do tempo, recenseei dicionários e obras linguísticas no *Expresso* e no *Jornal de Letras* e traduzi do neerlandês muita poesia holandesa e flamenga e alguma ficção. Desde há uns anos, sou sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

Vivo em Mértola, onde nasci, no sul do Alentejo, a 200 quilómetros de Sevilha, a 230 de Lisboa, a 750 de Compostela. Tenho duas filhas, mais um neto, bilingue como o avô. A ele vai dedicado este livro.

Estão feitas as apresentações.

As palavras existem?

As línguas são feitas de palavras, e a maioria delas acham-se recolhidas em dicionários. São factos, esses, que nenhuma dúvida parecem admitir. Acontece que a *palavra*, a noção aqui em causa, suscita vários problemas. E o primeiro deles é a sua própria existência. As palavras existem? Existem, sim, mas é com uma existência precária, artificial, baseada num exercício de abstracção. A larga maioria dos habitantes do planeta teria

dificuldade em responder à solicitação: «Diga-me uma palavra.» Com efeito, aquilo que produzimos, ao falarmos, não são palavras, mas cadeias de sons entendíveis por outrem. Cadeias que podem ser muito breves: «Ai!», ou «Pára!». Daí uma descoroçoante, mas muito prática, definição de palavra: «um conjunto de letras entre dois espaços em branco». Exacto: a palavra pertence por natureza ao terreno da escrita e só nele tem verdadeiramente sentido. Vários outros problemas são suscitados pela palavra, e irão ser abordados aqui.

Mas falando ainda em dicionários. Por muito cultos que nos supnhamos, rara será a vez em que folheamos um dicionário do nosso próprio idioma sem nos determos numa palavra nunca antes vista. Ou em várias delas. Ninguém as conhece todas, até porque cada dia surgem novas. A seu tempo, elas mesmas serão dicionarizadas, caso tenham aguentado um período convincente e, sobretudo, caso venham responder a verdadeiras necessidades.

Este é um livro sobre palavras, essas a que nunca conseguiremos escapar. «Sempre entre mim e ao que chamam coisas há-de haver palavras», escreveu Ruy Belo em *País Possível*, de 1973. Certo. Mas vamos submetê-las a observação, apanhá-las em flagrante, estudando o modo como surgiram, o porquê daquela exacta forma, o modo como evoluíram, criando formações novas, com um novo significado. Veremos como passaram duma língua para outra e, até, como, ao modificarem-se, presentearam o mundo com uma nova língua. Ou ainda a mesma língua, mas agora feita de conformações novas, que só aí se acham. Explorando o mais querido dito da mecânica automóvel: «o material tem sempre razão».

Casos há, de facto, em que ninguém sabe se a língua ainda é a mesma, ou já é outra. Com isto se geram debates, discussões infindas, movimentos sociais a favor da «unidade», ou a favor da «diferença», com cisões familiares, troca de palavrões entre os lados da barricada. Existe certamente motivo para esse investimento emocional: sentimos uma língua como nossa, e por ela damos o couro e o cabelo. É um investimento saudável. Com a condição de ele ser também *informado*, e não só comandado por pulsões irracionais ou agendas políticas, tudo muito respeitável, mas alheio ao cerne do idioma: as palavras, na sua mais despida e irrecusável materialidade.

As línguas existem?

No dia-a-dia, maneamos com notável agilidade a noção de *língua*. E é já proverbial aquele dito de, para um linguista, as línguas não existirem. Não é um paradoxo, não é uma *pose*. Melhor do que ninguém, os linguistas sabem quanto de aleatório e artificial entra no identificar de certa variedade linguística como língua. Na verdade, é *língua* aquilo que os seus falantes conseguiram que fosse promovido a tal. Os portugueses conseguiram-no e dizem-se muito felizes. Isto ocorre, de resto, a cada dia que passa. Em Portugal ainda, um movimento social bem conduzido levou o Estado a reconhecer como língua o mirandês, falado no leste de Trás-os-Montes. E, na Holanda, o *lobby* do limburguês convenceu a política a declarar língua essa variedade, uma sorte que o zelandês, não menos diferenciável, não conseguiu ter.

A crua verdade é que os idiomas são, eles também, produto duma abstracção. O linguista brasileiro Carlos Faraco, na sua *História do Português*, de 2019, descreve uma língua como «uma construção imaginária em que se mesclam fatos linguísticos com factores históricos, políticos, sociais e culturais». E, por desanimador que isso seja, os factores *políticos* são, aqui, decisivos. No contexto espanhol, várias «lenguas españolas» (termos da Constituição vigente) conseguiram a oficialidade nos seus territórios – o galego, o basco e o catalão –, enquanto outras continuarão a sonhar com um estatuto que provavelmente nunca alcançarão.

O caso do galego é, até, particularmente complexo. A sua contiguidade com o português suscita os já aludidos problemas de identidade. Será o galego uma língua à parte? Ou deverá, antes, ser considerado uma variedade de português? Aqui nos aventuramos a um plano escorregadio, e todavia altamente convidativo. Sim, por que motivo não seria o português, ele mesmo, uma variedade de galego? Seja-nos claro: as relações entre eles os dois, galego e português, são extremamente peculiares. Elas serão grato objecto de atenção ao longo deste livro.